

ensinamentos sobre Parabrahm (o Absoluto), e dos Primeiro e Segundo Logos, Espírito, Matéria, Fohat, etc., etc.”

Este é o resultado direto e natural da ideia muito errada de que eu tive a intenção de compatibilizar a obra que chamei de “Doutrina Secreta” com a Ciência moderna, ou de explicar “pontos ocultos”. Eu estava e ainda estou mais preocupada com *fatos* do que com hipóteses científicas. Meu principal e único objetivo era salientar que os princípios básicos e fundamentais de cada religião e filosofia exotérica, seja antiga ou nova, são do começo ao fim apenas ecos da “Religião da Sabedoria”. Procurei mostrar que a ÁRVORE DO CONHECIMENTO, assim como a própria Verdade, era Uma; e que, embora a folhagem e os galhos mais finos diferissem em forma e cor, o tronco e seus galhos principais eram parte da mesma antiga Árvore, em cuja sombra se desenvolveu e cresceu a filosofia religiosa das raças que precederam nossa atual humanidade na terra, e que agora é esotérica.

Acredito que realizei este objetivo, até onde ele podia ser realizado, nos dois primeiros volumes de “A Doutrina Secreta”. Não é a filosofia oculta dos ensinamentos esotéricos que eu tratei de explicar ao mundo em geral, porque assim, a qualificação de “Secreta” teria se tornado como um segredo do polichinelo, gritado desde o palco. O objetivo era simplesmente *compartilhar aquilo que podia ser compartilhado* , e compará-lo com as crenças e dogmas das nações passadas e atuais, mostrando a fonte original desses dogmas e como eles foram desfigurados. Se minha obra é - nessa época de suposições materialistas e iconoclastismo universal - demasiado prematura para as massas de profanos, tanto pior para as massas. Mas ela não é demasiado prematura para os estudantes dedicados de Teosofia, exceto, talvez, aqueles que esperavam que um tratado sobre correspondências tão complexas como as que existem entre as religiões e as filosofias de um Passado quase esquecido, de um lado, e as da época moderna, de outro lado, pudesse ser lido como uma história policial barata, comprada numa banca de estação ferroviária. Mesmo cada sistema de filosofia, seja o de Kant ou de Herbert Spencer, de Spinoza ou de Hartmann, exige mais do que um estudo de vários anos. Não é, então, natural que uma obra que compara várias dúzias de filosofias e mais de meia dúzia de religiões do mundo; uma obra que tem que revelar as origens com a maior das precauções, uma vez que ela pode apenas *sugerir* aqui e ali as florações secretas, seja impossível de compreender numa primeira leitura, e mesmo após várias leituras, a menos que o leitor elabore, por si mesmo, um sistema para abordar o tema?

O fato de que isto pode ser feito e é feito é mostrado por “Dois Estudantes da Escola Esotérica”. Eles estão agora sintetizando a “Doutrina Secreta”, e o fazem da maneira mais lúcida e abrangente, nesta revista. [2] Como todo mundo, eles não entenderam essa obra imediatamente depois de lê-la. Mas se lançaram ao trabalho com total determinação. Eles a indexaram eles mesmos, classificando os conteúdos em duas partes: o *exotérico* e o *esotérico* ; e tendo realizado esse trabalho preliminar, eles agora apresentam a parte a exotérica para os leitores em geral, enquanto guardam a parte esotérica para sua própria aprendizagem prática e seu benefício. Por que motivo cada teosofista decidido não deveria fazer o mesmo?

Há várias maneiras de se adquirir conhecimento: (a) aceitando-se cegamente as afirmações da igreja ou da ciência moderna; (b) rejeitando a ambas e começando a procurar a verdade por si mesmo. O primeiro método é fácil e leva à respeitabilidade social e ao aplauso das pessoas; o outro é difícil e exige mais do que uma simples devoção à verdade, um desinteresse pelos benefícios pessoais diretos e uma perseverança inabalável. Assim era no passado e assim é agora, com a exceção, talvez, de que tal devoção à verdade é hoje mais rara do que era antigamente. De fato, a resistência do estudante oriental moderno a pensar por si mesmo é

agora tão grande quanto as exigências e as críticas dos ocidentais, quando se trata de examinar o pensamento dos outros.

O ocidental exige e espera que seu “Caminho” seja construído com todos os artifícios egoístas do conforto moderno, pavimentado, projetado com ferrovias rápidas e telégrafos e mesmo telescópios, através dos quais ele possa, enquanto confortavelmente sentado, pesquisar as obras de outras pessoas; e enquanto as critica, procura o caminho mais fácil para fazer de conta que é Ocultista e Estudante amadorístico de Teosofia.

O “Caminho” real para o conhecimento esotérico é muito diferente. Sua porta é coberta pelos arbustos espinhosos da negligência. As caricaturas da verdade, durante longas eras bloqueiam o caminho, e o caminho é obscurecido pelo desprezo orgulhoso da auto-suficiência e com cada verdade distorcida até ficar fora de foco. Atravessar sozinho o portal exige um trabalho de anos, incessante, frequentemente sem recompensas, e uma vez do outro lado do portal, o cansado peregrino tem que avançar arduamente a pé, porque a trilha estreita leva a alturas aparentemente inalcançáveis da montanha, não medidas e desconhecidas, a não ser para aqueles que já alcançaram antes os picos ocultos por nuvens. Assim, ele deve escalar passo a passo, tendo que conquistar com seus próprios esforços cada centímetro do chão à sua frente, movendo-se para adiante, guiado por estranhos pontos de referência cujo significado ele só pode determinar decifrando as inscrições castigadas pelo mau tempo, deterioradas, enquanto ele segue; porque ai dele se, em vez de estudá-las, ele fica friamente inativo e as define como “indecifráveis”. A “Doutrina do Olho” é maya; só a Doutrina do “Coração” pode fazer dele um eleito.

Deveria ser surpreendente que tão poucos alcancem o objetivo, que muitos sejam chamados, mas poucos sejam escolhidos? Será que a razão disso não está explicada no início da parte II de “Voz do Silêncio”? A obra diz que, enquanto os seguidores da Doutrina do Olho repetem com orgulho, “Vejam, eu sei”, aqueles que recolheram conhecimento com humildade confessam em voz baixa; “assim eu ouvi”; e deste modo tornam-se os únicos “escolhidos”.

NOTAS:

[1] H. P. B. se refere aqui aos dois volumes da edição original em inglês. Só eles foram publicados. O terceiro e o quarto volume estavam inéditos quando ela morreu, ainda não concluídos, e nunca apareceram. A edição brasileira, com seis volumes, reproduz a edição adulterada por Annie Besant e publicada por ela em 1897. A própria Sociedade de Adyar voltou a adotar em 1978 a edição original em dois volumes, aceitando, implicitamente, que a edição de Annie Besant não tem legitimidade. A edição original ainda não foi traduzida ao português. (Nota do Editor de “O Teosofista”)

[2] O artigo acima foi publicado inicialmente na revista “Lucifer”, em Londres, na edição de junho de 1890. A palavra “Lúcifer” significa “portador da luz” e é usada desde a antiguidade como nome do planeta Vênus, a estrela d’alva e estrela vespertina. No entanto, a palavra tem sido usada desde a idade média por teólogos interessados em dominar os povos através do medo e da superstição. (Nota do Editor de “O Teosofista”)

0000000000

O texto acima faz parte de “Theosophical Articles”, uma coletânea de artigos de H.P. Blavatsky publicada em três volumes pela Theosophy Company, em Los Angeles, em 1981. Ver volume I, pp. 484-487. Título original: “Mistaken Notions on The Secret Doctrine”.

00000000000000000000

Pelo final de abril de 2004, recebi uma cópia do livro e identifiquei em suas páginas algumas das mais notórias inverdades fabricadas contra HPB por Vsevolod Soloviof e outros.

Nos meses seguintes mandei, via aérea, cerca de 38 cartas apresentando os fatos para estudantes e líderes teosóficos ao redor do mundo.

Entre os que responderam ao documento estavam Radha Burnier, John Algeo, Dara Eklund e Joy Mills. A sra. Radha - presidente internacional da Sociedade de Adyar - escreveu que as cartas em questão eram “obviamente espúrias”. A posição da sra. Dara Eklund foi menos clara. Joy Mills e John Algeo evitaram admitir os fatos. Nenhum deles pensou ser necessário fazer algo para interromper a circulação de falsidades contra a honra e o caráter da fundadora do movimento esotérico moderno.

José Ramón Sordo, do México, e a revista **Fohat**, do Canadá, estiveram entre os primeiros a agir. **Fohat** publicou uma versão atualizada da minha carta circular sob o título de “**Defending the Old Lady**” (“Defendendo a Velha Senhora”). O texto encontra-se agora disponível em nossos websites e em outros locais online.

A partir de então, “**Fohat**” e “**The Aquarian Theosophist**” estiveram na linha de frente da defesa de HPB. As duas revistas publicaram muitos artigos sobre este tópico, assim como sobre o futuro do movimento teosófico. A revista “Theosophy”, de Los Angeles [1], e a revista “Sunrise”, de Pasadena [2], publicaram pequenas notas sobre os nossos esforços.

Em Junho de 2005, depois de consultar-nos, Jerome Wheeler, então editor de “The Aquarian Theosophist”, anunciou a criação do “**HPB Defense Fund**” (Fundo de Defesa de HPB). A partir de então, todos os meses, ele informou nas páginas do “**Aquarian**” sobre o progresso do Fundo. O objetivo declarado do Fundo era compensar e neutralizar, tanto quanto possível, o volume fraudulento publicado por John Algeo. A revista canadense **Fohat**, editada pela Sociedade Teosófica de Edmonton, deu total apoio ao Fundo e a todo o projeto de defesa do movimento. Dos Estados Unidos, o sr. Dallas TenBroeck também apoiou o projeto e fez sugestões valiosas.

De todo o mundo, inclusive Índia, emergiu um certo número de doadores. Em maio de 2006 o “**Aquarian Theosophist**” anunciou que o dinheiro necessário - cerca de 10 mil dólares norte-americanos - estava já completo e disponível numa conta bancária em Los Angeles. Por isso, as doações deveriam parar.

Por volta do final de 2006, devido a problemas de saúde, Jerome Wheeler deixou a coordenação do projeto. Algum tempo depois, o dinheiro do Fundo foi transferido por pedido de Wheeler para uma conta controlada pela Theosophy Co., em Los Angeles. Desde então a Theosophy Co. deixou claro várias vezes que o destino e o uso do dinheiro não lhe dizem respeito. O seu único propósito é mantê-lo em segurança e à disposição de “**The Aquarian Theosophist**” e dos doadores.

Durante três anos, ao longo de 2007, 2008 e 2009, um pequeno grupo de amigos trocou ideias sobre como avançar com o trabalho. Entre eles, Will Windham, o novo editor do “**The Aquarian Theosophist**”, dois ou três associados da LUT nos EUA, e eu. Os diálogos foram proveitosos e proporcionaram uma visão mais aprofundada da tarefa a ser feita. Nós nos permitimos um tempo para pensar sobre a situação.

Em dezembro de 2009, depois de feitas consultas, senti que era o momento de alguém tomar uma decisão mais prática. Então anunciei que a partir de janeiro de 2010 eu iria agir, como trabalhador voluntário, na função de editor do Projeto de Defesa de HPB. Não houve oposição no grupo: naquele momento estávamos entrando no sétimo ano desde a publicação das falsificações de Algeo e da TPH/USA. Os doadores portugueses estavam já há algum tempo pedindo uma declaração pública do Fundo sobre o futuro livro.

Desde o segundo semestre de 2009, tomei a iniciativa de convidar, gradualmente, mais pessoas para o grupo daqueles que acompanham o esforço, de modo que outros estudantes pudessem partilhar do processo, pelo menos na condição de “testemunhas fraternas”. Como resultado, em fevereiro de 2011 o pequeno grupo incluía amigos do Canadá, Brasil, Portugal, Estados Unidos, Reino Unido, México e Suécia.

A loja luso-brasileira da Loja Unida de Teosofistas, registrada em Los Angeles em novembro de 2009 - decidiu apoiar o projeto e começou a expandir suas operações em língua inglesa. Vimos que não se tratava apenas de publicar um livro em papel, mas, mais importante, de ter leitores, e de desenvolver uma relação viva com o público. Percebemos que teríamos de fazer um esforço autônomo e que pudesse crescer como fazem os organismos vivos. Nós deveríamos começar publicando o livro independentemente de dinheiro, e online.

Em 2011, a loja luso-brasileira da LUT tem agora três websites com textos em inglês: www.TheosophyOnline.com, www.Esoteric-Philosophy.com e www.FilosofiaEsoterica.com. O número dos seus leitores de língua inglesa é significativo e vem crescendo.

Cerca de 70 a 90 por cento do futuro livro já estão publicados online. Os textos estão nas seções intituladas “**Truth and Falsehood in the Theosophical Literature**” (Verdade e Falsidade na Literatura Teosófica), “**The Letters of Helena P. Blavatsky As Edited by W.Q. Judge**” (As Cartas de Helena P. Blavatsky Tal Como Editadas por W.Q. Judge), e **Selected Letters of H.P. Blavatsky** (Cartas Seleccionadas de Helena Blavatsky). Alguns textos do futuro livro estão também já publicados em outras seções. Outros não foram ainda publicados. Vários temas exigirão ainda um intenso trabalho de pesquisa.

Em dezembro de 2010, sentindo que já tinha passado tempo suficiente e que algo deveria ser oferecido ao público, o teosofista português José Manuel Anacleto - que em 2006 tinha enviado 2.400 dólares ao Fundo em Los Angeles em nome de vários doadores portugueses -, pediu de volta o dinheiro doado, para que os amigos portugueses pudessem considerar a possibilidade de uma pequena edição em papel a partir de Lisboa, com base no material já publicado online. A Theosophy Company informou imediatamente que restituiria o dinheiro.

Dia 2 de Fevereiro de 2011, foi anunciada pelos doadores portugueses a decisão formal de apoiar o presente esforço online de modo que o material se torne um livro em papel. Na sua mensagem ao “Grupo sobre Cartas de HPB”, os doadores portugueses declararam que a linha editorial do material publicado online está em harmonia com a política anunciada por Jerome Wheeler em 2005. Eles acrescentaram que o dinheiro foi doado exatamente para um projeto na linha do que está sendo feito.

A presença dos 2.400 dólares na conta bancária dos doadores em Lisboa foi confirmada em 9 de Fevereiro de 2011.

Com esse dinheiro disponível e com o apoio claro dos doadores portugueses, o esforço editorial pode ser mais claramente focado na direção de um livro em papel.

A intenção é preparar uma pequena primeira edição, provavelmente com cópias numeradas. A data aproximada é 2013 - talvez antes.

Ao publicar o presente relatório em inglês em fevereiro de 2011, e em português um mês depois, o projeto está uma vez mais entrando em contato com o público. Nisto, apenas segue a política anunciada e desenvolvida por “**The Aquarian Theosophist**” em 2005 e 2006.

Acreditamos que é possível que no final - e talvez mais cedo do que o esperado - os atuais editores de “**The Aquarian Theosophist**” apoiarão o esforço que está sendo feito. Independentemente disso, os editores de www.Esoteric-Philosophy.com, www.TheosophyOnline.com, e www.FilosofiaEsoterica.com têm muitos mais pontos de vista em comum com o “**Aquarian**”, do que pontos de discordância.

Estamos preparados para viver a diversidade na unidade. Temos profundo respeito e admiração pelo trabalho dos atuais editores do “**The Aquarian**”, com quem trabalhamos em harmonia em diversos assuntos, inclusive as Cartas de HPB.

Têm havido, é verdade, uma diferença de pontos de vista sobre como defender o movimento teosófico contra a ação daqueles que cometem fraude e circulam calúnias enquanto se apresentam teosofistas. Temos confiança em que tais diferenças de visão irão desaparecer com o fluxo natural dos acontecimentos. Enquanto fazemos progressos em direção a isso, sabemos que uma tal diferença continua a ser mutuamente reconhecida como uma fonte de lições sobre o princípio da unidade na diversidade.

É preciso levar em consideração que nem todos têm o dever de lembrar estas palavras de H.P.Blavatsky:

“Se os ‘falsos profetas da Teosofia’ forem deixados intocados, os verdadeiros profetas serão muito em breve - como já ocorreu - confundidos com os falsos. É hora de passar nosso trigo na peneira, e de lançar fora o joio.” [3]

Nem todos têm de prestar atenção a estas palavras de Robert Crosbie:

“É dever dos estudantes de esoterismo desmascarar o erro e a hipocrisia; enfrentar a mentira com a verdade; não como crítica pessoal, mas como fatos contra distorções (...). A Teosofia está no mundo para fazer isso.” [4]

No entanto, há algo que é fácil de ver. Preservar o respeito pela verdade sobre Helena Blavatsky, especialmente dentro dos círculos teosóficos, não é um assunto irrelevante, porque a questão se relaciona com o próprio centro da aura magnética do movimento teosófico como um todo. O tema constitui, portanto, um fator decisivo para o futuro Carma e Dharma do movimento.

Embora a diversidade e o contraste fortaleçam o movimento teosófico, pelo final de fevereiro de 2011 as diferenças de opinião sobre como tomar decisões estavam rapidamente desaparecendo. Uma pessoa que integra o Conselho da Theosophy Company em Los Angeles esclareceu: o dinheiro pertencente ao Fundo de HPB está disponível em Los Angeles e pode

ser usado para que o livro seja publicado em papel. Uma mensagem com este anúncio foi compartilhada em 01 de março no “Grupo sobre Cartas de HPB” e no e-grupo “**E-Theosophy**”, de Yahoo. O fato tornou mais fácil a publicação do volume em 2013 ou antes.

Ainda no início de março, as funções do “grupo das Cartas de HPB” foram assumidas pelo e-grupo **E-Theosophy**, que hoje reúne 41 pessoas de oito países.

Novos fatos serão compartilhados com o público à medida que ocorram. Em língua portuguesa, isso será feito nas páginas de “**O Teosofista**”.

Trabalhadores voluntários para o projeto HPB são bem vindos: há um certo número de tarefas a serem feitas em várias frentes - tanto presentes como futuras. Algumas tarefas auxiliares podem ser feitas em língua portuguesa.

Comentários a este Informe são bem vindos. Aqueles que quiserem fazer sugestões ou tomar parte do Projeto de Defesa de HPB devem escrever para lutbr@terra.com.br.

(Carlos Cardoso Aveline)

NOTAS:

[1] “Theosophy” magazine, Novembro / Dezembro de 2005, p. 32. A nota tem como título “Questionable Letters and the Blavatsky Defense Fund”.

[2] “Sunrise”, revista editada pela Sociedade Teosófica de Pasadena, edição de Fevereiro / Março de 2005, p. 82.

[3] “On Pseudo-Theosophy”, um texto incluído em “Theosophical Articles”, de Helena P. Blavatsky, Theosophy Company, Los Angeles, 1981, volume I, p. 161-175. Ver p. 163.

[4] “The Friendly Philosopher”, de Robert Crosbie, Theosophy Company, Los Angeles, 1945, 416 pp.; ver p. 181.

A Sabedoria Milenar do Tao

“O Caminho dos sábios é ser magnânimo porém severo, rigoroso mas solidário, amável porém correto, agressivo mas humanitário. O que é muito duro quebra, e o que é excessivamente brando se dobra: o Caminho está exatamente no meio entre a dureza e a suavidade.”

“A benevolência, levada longe demais, se torna fraqueza, que não tem dignidade. A severidade levada longe demais se torna ferocidade, que é ineficiente. A punição levada longe demais se transforma em calamidade, o que significa perda de familiares. É por isso que se dá valor à harmonia.”

[Da obra “**Wen-tzu, A Compreensão dos Mistérios**”, de Lao-tzu, Editora Teosófica, 2002, p. 165]

00000000

O Compromisso Com a Verdade

Dois Trechos de Helena Blavatsky

1. “O que procuramos é a verdade, e, uma vez encontrada, nós a colocamos diante do mundo, aconteça o que acontecer.” [1]

2. “A sinceridade é a verdadeira sabedoria apenas para o filósofo moral. Ela é agressão e insulto para aquele que considera a dissimulação e o engano como cultura e cortesia, e que defende a idéia de que o caminho mais curto, mais fácil e mais seguro para o êxito é não perturbar os cachorros que dormem nem os velhos hábitos. Mas se os cachorros adormecidos estão obstruindo a estrada do progresso e da verdade, e se a sociedade em geral rejeita as sábias palavras de (Santo) Agostinho, que recomenda que ‘ninguém deve colocar os hábitos acima da razão e da verdade’, seria esse um motivo suficiente para o filantropo sair - ou mesmo desviar-se - da trilha da verdade, apenas porque o egoísta prefere fazê-lo?” [2]

NOTAS:

[1] “Collected Writings”, H. P. Blavatsky, TPH, Índia, vol. IX, 1986, p. 06.

[2] “Collected Writings”, H. P. Blavatsky, vol. IX, p. 07.

Sexto Ano de Cartas Abertas Sobre W. Q. Judge Celebrando o Movimento Teosófico

Pela sexta vez desde abril de 2006, estudantes independentes de vários países mandarão em torno de 13 de abril de 2011 cartas abertas para a sra. Radha Burnier, presidente da Sociedade Teosófica de Adyar.

Eles pedirão à sra. Radha que dê sua contribuição para o final de uma injustiça começada nos anos 1890. Para isso, basta que ela re-examine o “processo” aberto contra William Q. Judge por Annie Besant e aceite a inocência do sr. Judge, admitindo que foi um equívoco de Besant persegui-lo. Uma decisão de Radha Burnier neste sentido não será só uma mostra de que a Sociedade de Adyar dá importância à Ética e à Verdade. Também permitirá que uma grande parcela do movimento teosófico conheça e tire proveito do exemplo de vida de Judge, e do ensinamento teosófico que está em seus livros e artigos.

Embora a campanha de cartas abertas não tenha apegado a resultados de curto prazo, os organizadores têm observado progressos reais em vários setores da Sociedade de Adyar. Nos últimos dois anos, a campanha passou a ser um processo cada vez mais multidimensional. Tem havido uma resposta positiva descentralizada de lojas e de websites ligados à Sociedade de Adyar. Palestras e seminários sobre William Q. Judge têm sido realizados, como foi o caso de Krotona, na Califórnia. Textos e biografias dele têm aparecido em websites ligados a Adyar, como é o caso de Alemanha e Inglaterra.

